

O conceito de “Língua Geral” à luz dos dicionários de língua geral existentes

The concept of Brazilian “Língua Geral” in the light of the existing Língua Geral dictionaries

Wolf DIETRICH
(Universität Münster, Alemanha)

RESUMO

Hoje conhecemos dez dicionários de língua geral amazônica, seis deles não publicados. Em comparação, a língua geral paulista continua pouco documentada. Estudam-se seis dicionários de língua geral amazônica setecentistas, em especial três manuscritos ainda não publicados. Da comparação desses dicionários, resulta a identificação de Anselm Eckart como autor de um e de Anton Meisterburg como possível autor de outro manuscrito. Analisa-se a interdependência de Eckart, Meisterburg e da “Prosodia de Língua”. Descrevem-se mudanças ocorridas na LGA e discutem-se características da LGP. Tudo isto serve para rever os problemas teóricos do conceito de “língua geral” proposto por Aryon Rodrigues e problemas da história da sua formação.

Palavras-chave: *Língua Geral Amazônica; Língua Geral Paulista; dicionários.*

ABSTRACT

“Língua Geral” (‘General Language’) was a language of indigenous origin (Tupinambá) spoken by mestizos on the coast of Brazil. Rodrigues’ definition of the term and his distinction of Southern and Amazonian “Língua Geral” are discussed in the light of recent linguistic publications and of existing and newly discovered dictionary manuscripts of Amazonian “Língua Geral”. The result of the analysis of three of those manuscripts is that Anselm Eckart is the author of one of them and Anton Meisterburg probably the author of another one. Both have a third one (Prosodia de Língua) as one of their main sources. The study is completed by the description of diachronic change in Amazonian “Língua Geral”, as well as by the discussion of some characteristics of the scarcely documented Southern “Língua Geral”.

Key-words: *Amazonian Língua Geral; Paulista Língua Geral; dictionaries.*

Introdução

Entre as múltiplas temáticas de lingüística indígena sul-americana cultivadas por Aryon Rodrigues encontra-se, também, o fenômeno das línguas gerais da época colonial do Brasil, não só na forma de documentos lingüísticos que testemunham a evolução histórica do Tupinambá inicial, mas também como instituição socio-histórica da Colônia brasileira. Como em tantos outros casos, por exemplo no estabelecimento do método histórico-comparativo no estudo das línguas indígenas e na classificação das línguas Tupi e Tupi-Guarani, Aryon Rodrigues fez obra de pioneiro. No seu breve artigo sobre as línguas gerais sul-americanas (Rodrigues 1996), ele foi o primeiro a elaborar uma definição concisa do termo “língua geral”, como termo técnico da descrição lingüística.

O objetivo desta contribuição é duplo, teórico e descritivo: Quase vinte anos depois do artigo fundamental de Aryon Rodrigues sobre o conceito de “língua geral” (Rodrigues 1996) e, à luz de publicações recentes (Bessa Freire/ Rosa 2003, Nobre 2011, Leite 2013), é tempo para fazer uma nova reflexão sobre a validade teórica do conceito elaborado por Rodrigues. Portanto, em primeiro lugar, queremos examinar, à luz

de vários trabalhos sobre a temática, publicados nos últimos anos, a validade da definição de “língua geral” proposta por Rodrigues. Em segundo lugar, e independentemente da discussão teórica, pretendemos discutir o acréscimo de conhecimentos sobre a documentação das línguas gerais brasileiras que se deu também neste último decênio. Trata-se da publicação de um extenso dicionário de língua geral amazônica da época pós-jesuítica (Barros/Lessa 2006) e da descoberta recente de um importante dicionário de língua geral amazônica, anônimo e até hoje não descrito. Este dicionário foi descoberto em 2012 por Jean-Claude Muller na Biblioteca Municipal de Trier (Alemanha). Atualmente se prepara a sua publicação. Neste artigo, o dicionário de Trier é estudado e comparado pela primeira vez junto com dois outros dicionários anônimos, nunca antes analisados com métodos lingüísticos e ainda não publicados, em primeiro lugar a chamada *Prosodia de língua* (n. 3 da lista de documentos), em segundo o *Vocabulario da lingua. Brazil* (n. 4 da lista). Vamos demonstrar as interdependências que existem entre estes três manuscritos de dicionários, os quais, de maneira significativa, contribuem para aumentar nossos conhecimentos sobre a língua geral amazônica do século XVIII.

A língua geral paulista, em contraste com o registro abundante da língua geral amazônica, continua pouco conhecida, apesar de esforços recentes para valorizar as fontes (Leite 2013).

1. As línguas gerais: problemas de definição

Até a publicação do artigo de Aryon Rodrigues (Rodrigues 1996), o termo “língua geral” se empregava sem ou com pouca preocupação teórica. Nobre (2011: 57-80) dá o panorama de obras de historiadores da língua portuguesa, de Serafim da Silva Neto até Joaquim Mattoso Câmara e Ivo Castro, que pensavam na identidade do tupinambá original com a língua geral ou imaginavam a língua geral como “construção” dos missionários ou, simplesmente, não faziam reflexões teóricas sobre a natureza do fenômeno. Uma linha de tradição com respeito a este conceito começa com o jesuíta João Daniel (1722-1776). Ele distinguiu entre a “língua geral antiga dos tupinambases” ou “verdadeira língua

geral” e a “língua geral corrupta” (Daniel 2004, 2: 226-227, Barros 2003: 87) que se falava na Amazônia na época da sua estada na região (1741-1757).¹

Aryon Rodrigues, desde o início de seu artigo (Rodrigues 1996: 6) oferece uma definição do termo que se baseia nas realidades históricas em que se formaram línguas gerais:

Na colonização da América do Sul pelos portugueses e pelos espanhóis houve pelo menos três situações em que a miscigenação em grande escala de homens europeus com mulheres indígenas teve como consequência a rápida formação de populações mestiças cuja língua materna foi a língua indígena das mães e não a língua europeia dos pais. Isto se deu onde a conquista e colonização foi praticada, de início, predominantemente por homens desacompanhados de mulheres atuando sobre um povo indígena numeroso e socialmente aberto ao estabelecimento de alianças matrimoniais com os forasteiros. Essas condições se produziram mais tipicamente entre os portugueses e os tupis (também chamados tupinakins ou tupinikins) de São Vicente e do planalto de Piratininga, no leste do atual estado brasileiro de São Paulo, no século XVI; entre os espanhóis e os guaranis do Paraguai, nos séculos XVI e XVII; e entre os portugueses e os tupinambás no norte dos atuais estados brasileiros do Maranhão e do Pará, no século XVII.

Esta definição implica que o termo, apropriado à realidade socio-histórica brasileira e paraguaia, difere do significado com que se usa na história do espanhol da América. Ali se refere à língua indígena de uso “geral” em grandes territórios, por exemplo, de cultura asteca no México colonial. Destarte, o náhua era a “língua geral” (lengua general) da missão no México e na América Central, uma língua de índios, não de uma população mestiça.

A definição de Rodrigues inclui também a existência de três línguas gerais diferentes, a língua geral paulista (LGP), a língua geral amazônica (LGA) e o “guarani crioulo” (GNC). Deste último não falaremos aqui.

1. Uma das obras que tratam da história lingüística do Brasil colonial é a tese de doutorado da historiadora Lee (2005). Sua distinção entre a língua geral inicial e a língua vulgar corrupta do séc. XVIII como duas línguas diferentes não parece justificada. A obra não tem o nível científico adequado para tomá-la em consideração numa discussão séria dos temas abordados aqui.

1.1. *A questão da transmissão da língua*

Rodrigues (1996: 10-11) insiste em que “não houve, em nenhum momento, interrupção na transmissão dessas línguas, isto é, não ocorreu mudança de língua (*language shift*) nos descendentes mestiços dos europeus e das índias tupi-guaranis”. Esta parte da definição desmente a crítica de Nobre (2011: 93 e 164 e seguintes), que aceita a ideia da “não-interrupção” na formação da LGP, mas opina que houve interrupção na transmissão da língua no caso da formação da LGA. Essa “se delineou quando os jesuitas iniciaram a catequização sistemática das centenas de povos tapuias, falantes de centenas de línguas diferentes” (Nobre 2011: 93). A objeção de Nobre, porém, não se coaduna com a definição de Rodrigues, já que a LGA era a língua materna dos mestiços do Maranhão e do Pará, não a dos índios que a aprendiam como segunda ou terceira língua, como língua de comunicação com outros indígenas e com o mundo dos mestiços. O fato de os jesuitas terem usado a LGA para sua catequese não tem relação com a existência desta língua na população não-indígena, só reflete a extensão da LGA na Amazonia brasileira daquela época.

1.2. *O problema da possível existência de uma “língua geral sul-bahiana”*

Ao distinguir entre a LGP e a LGA, Rodrigues (1996: 11-12) explica também o fato de não se terem constituído línguas gerais “do Rio ao Piauí”. Ele justifica a sua postura negativa pela falta, na costa da Bahia e de Pernambuco, de “alianças matrimoniais em grande escala com os respectivos povos tupi-guaranis”, pela imigração extensa de portugueses, pelas ações de extermínio dos índios e pela chegada de grandes massas de escravos pretos. Nobre (2011: 103-163) intenta refutar esta afirmação argumentando com dados que mostram a existência histórica de falantes de língua geral em um certo número de vilas e aldeias do sul da Bahia. Ainda que seja inegável este fato histórico, a observação de Rodrigues não perdeu validade porque ele insistira em situações de “miscigenação *em grande escala* de homens europeus com mulheres indígenas” (grifo meu). Se preciso for, a definição de Rodrigues pode ser modificada no sentido da existência de grupos

menores de falantes de língua geral entre Rio e o Piauí, mas não perde nada de sua validade central. Aliás, a língua geral observada no sul da Bahia é um fato socio-lingüístico, mas não lingüístico. Não temos documentação lingüística da possível “língua geral sul-bahiana”. Desta maneira a definição de Rodrigues continua sendo um instrumento de análise de alto valor operacional.

2. A documentação da língua geral amazônica

Em comparação com a LGP, a LGA abunda em documentos lingüísticos, sobretudo em dicionários. Não se mencionam aqui os diferentes catecismos existentes. Aos três dicionários publicados no século XX, o *Vocabulário na Língua Brasileira*, de 1621 (n. 1 da lista a seguir), o *Caderno da Língua*, de 1739 (n. 2) e o *Dicionário Portuguez-Brasiliiano e Brasiliiano-Português*, de 1751 (n. 7), acrescentou-se, em 2006, o *Diccionario da lingua geral do Brasil*, de 1771 (n. 6). Ficam ainda não publicados mais seis manuscritos de dicionários da LGA, todos, até agora, pouco ou não analisados com métodos lingüísticos. Três deles serão estudados a seguir, a *Prosodia de lingua* (n.3), o *Vocabulario da lingua* (n.4) e o manuscrito, sem título, descoberto em 2012 na Biblioteca Municipal de Trier (n. 5). Todas as obras são anônimas. Em poucos casos, temos informações indiretas ou existem hipóteses sobre os possíveis autores ou, pelo menos, sobre o lugar da confecção do dicionário. Estas hipóteses serão discutidas quando descrevermos os detalhes do respectivo manuscrito. Eis aqui a lista dos dicionários e de seu conteúdo:

- 1) *Vocabulario na Língua Brasileira (VLB)*, 1621: cerca de 9300 verbetes.
- 2) *Caderno da Língua*, 1739: 3881 verbetes.
- 3) *Prosodia de Língua*: cerca de 5480 verbetes; páginas duplas de duas colunas, pp. 1-85: voc. Português – Língua Geral; segue uma lista alfabética Português – Língua Geral das partes do corpo (pp. 85-86); pp. 87-88 vazias; pp. 89-102 coplas rimadas em LG: “Descreve hum missionario a lida que tem com os seus rapazes” (pp. 9-91); “Lida dos Missionarios com os Sertanejos. Diz o Missº.” (pp. 91-94); “Narração que faz

um Sertanejo a hum seu Amigo de sua Viagem que fez pelo Sertão” (pp. 94-98); “O Corista Europeu” (pp. 98-100); “Sobre do (sic) Nascimento de N. S^{or} Jesu Christo, vinda e adoração dos SS. Reys, e Pastores” (pp. 101-102); “Sobre da (sic) Confissão” (p. 102); “Espertador Christão” (p. 102-103); “Outro Espertador” (p. 103-104); “Actos Affectuosos à N. S^{or} Jesu Christo” (p. 104-105); “Actos de Fe, Esperança, Charidade e Contrição” (p. 105); “À Virgem Maria S^a Nossa” (motte e glossa) (p. 106); “Do Santissimo Sacramento da Eucaristia” (p. 106); “Ao Santo Anjo da Guarda” (estribilho e coplas) (p. 107); “Da Noite do S. Natal” (pp. 107-108); “A Nossa Senhora da Piedade. Imitando o Stabat Mater” (p. 108); “Do Dia final: imitando o Dies illa &c^a.” (pp. 108-109); “Queixas de huma Alma do Purgatorio de seus Parentes porque se não lembrão della com seus Suffragios” (p. 109), “Ao Glorioso S. Miguel” (estribilho [sic] e copla) (pp. 109-110); p. 110 três sonetos em língua geral: “A Nosso S^{or}. Soneto Imitando o de N. St. Pre.”, “Ao N. S.^{to} P. Ignacio”, “Ao S.^{to} Fran^{co} Xavier”.

- 4) [Eckart, Anselm, S. J.]. *Vocabulario da lingua. Brazil*: pp. 2-166: Voc. Português – Língua Geral, pp. 167-172 aditamentos de vocábulos português – Língua Geral. Cerca de 5610 verbetes em total.
- 5) Manuscrito de 1756 (Trier): cerca de 6095 verbetes (+ 2500 na 2^a parte). Parte I, pp. 1-48: dicionário português – Língua Geral, ordem alfabética; parte II: pp. 48-65: dicionário Língua Geral – português, ordem segundo as sílabas finais.
- 6) *Diccionario da lingua geral do Brasil*, 1771: 2931 verbetes.
- 7) *Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez (DPB)*, 1751/1795; da autoria de um certo Frei Onofre; impressão da primeira parte por Frei Veloso (José Mariano da Conceição Vellozo) em Lisboa, 1795; reedição da 1^a e edição da 2^a parte por Plínio Ayrosa, 1934: cerca de 4080 verbetes.
- 8) *Vocabulario* (ms. 223 da British Library), pertenceu à Fazenda Gelboé (Rio Tocantins)

- 9) *Diccionario da Lingua Geral do Brazil* (ms.. 69 da Bibl. da Univ. de Coimbra)
- 10) *Diccionario da Lingua Brazilica* (ms. 94 da Bibl. da Univ. de Coimbra), dicionário língua geral – português.

2.1. O dicionário de Trier

Começamos a exposição dos três manuscritos de dicionários focalizados aqui pelo chamado dicionário de Trier. Jean-Claude Muller, ex-diretor da Biblioteca Nacional do Luxemburgo, especialista em lingüística indo-europeia e atual ministro da cultura do Luxemburgo, descobriu, em 2012, na Biblioteca Municipal de Trier (Alemanha), a 50 kms da cidade de Luxemburgo, um manuscrito de 65 “fólios”, isto é, de 130 páginas de duas colunas. As páginas 1-48 contêm um vocabulário português – LGA, as páginas 48-65, um pequeno dicionário LGA – português, organizado segundo o início da última sílaba da palavra ou expressão, como se fosse um dicionário de rimas. Na capa interior de detrás se lê, em letras grandes, a nota “Meirinho” e o ano 1756, isto é a confirmação do meirinho que, no momento de confiscar o manuscrito depois da proibição da ordem dos jesuitas em 1755, ele “meirinho” o manuscrito naquele ano. Porém, se não se tivesse devolvido o manuscrito depois, este não se teria conservado.

Discutem-se atualmente os problemas da autoria do manuscrito, do lugar da sua confecção, das suas fontes e de como o manuscrito pôde chegar, em sua forma impecável, até a biblioteca municipal de Trier, na qual foi integrado em 1799.² Vários indícios contidos no texto dão a entender que o manuscrito foi escrito na missão jesuítica de Piraguiri, no baixo Xingu, pouco antes de 1756. E, efectivamente, a arquidiocese de Trier/Tréveris mantinha várias missões naquela região na primeira metade do século XVIII. Um dos possíveis autores do manuscrito é o padre Anton Meisterburg, de Trier. Nascido em 1719, entrou na ordem dos jesuitas em 1737, tendo sido enviado para o Maranhão em

2. Um grupo de especialistas (Cândida Barros, Belém; Karl-Heinz Arenz, Belém; Gabriel Prudente, Belém; Ruth Monserrat, Rio de Janeiro; Nelson Papavero, São Paulo; Jean-Claude Muller, Luxemburgo; Wolf Dietrich, Münster) está preparando a publicação do manuscrito em forma digital e impressa.

1750 e atuado como missionário nas missões de Aricará e Piraguiri no baixo Xingu, assim como em Santa Cruz de Abacaxis, no rio Madeira. Entre os seus companheiros, estava o padre Anselm Eckart, oriundo da mesma arquidiocese alemã como ele. Acusados os jesuitas de “atividades hostis ao Estado” em 1756, eles foram deportados a Lisboa, provavelmente em 1757. Em 1760, o padres Eckart e Meisterburg se encontravam na prisão da Almeida, de 1762 até 1777, quando foram encarcerados no Forte São Julião da Barra, de Lisboa. Voltando à sua terra natal em 1777, Meisterburg viveu num convento de capuchinhos, não longe de Trier, no qual morreu em 1799, no mesmo ano em que o manuscrito do seu dicionário chegou à Biblioteca Municipal de Trier (Muller 2012: 377-378).

É possível que ele trouxesse consigo o manuscrito depois de ter sido posto em liberdade? Ou seria o caso que o manuscrito tenha passado à guarda de missionários de outra ordem, não proibida, ainda no Brasil, e dali à Europa e finalmente à arquidiocese de origem do padre Meisterburg? De fato, seria preciso fazer-se o mesmo tipo de perguntas com referência a todos os manuscritos jesuíticos escritos no Brasil naquela época.

2.2. Sua estrutura e suas fontes: Prosodia e Eckart

Da comparação do dicionário de Trier com outros existentes de LGA resulta que existe uma interdependência entre os três manuscritos, *Prosodia de língua*, *Vocabulario da lingua Brazil*, provavelmente de Eckart, e o dicionário de Trier, possivelmente de Meisterburg. Os três manifestam certa dependência do *Vocabulario na Língua Brasilica*, de 1621, o qual, dada à anterioridade da obra, pode ter sido considerado como modelo durante muito tempo. Porém, é muito maior a interdependência entre Trier/Meisterburg, Eckart e a *Prosodia*.

O Trier/Meisterburg dá a impressão de uma obra não terminada, não passada a limpo, com muitas rasuras, riscas e correções, aditamentos nas margens. Tudo parece ser anotado com pressa, muitas vezes em uma taquigrafia pessoal. Sendo o latim a língua geral dos comentários e das explicações, o autor utiliza as abreviaturas tradicionais, por exemplo v por *vel* ‘ou (também)’, N ou n. por *verbum neutrum*, isto

é ‘verbo intransitivo’, oposto a *Act.* ou *A.* por *verbum activum*, ‘verbo transitivo’; abreviaturas com arabescos tradicionais como *pařla* por *partícula* ou *it* por *item* ‘bem assim’, etc. Mas observam-se também muitas abreviaturas pessoais, algumas em português como *qlqr* ‘qualquer’, *g^{de}* ‘grande’, outras inventadas *ad hoc* como, por exemplo *m^{er}* ‘mulher’, *qtidade* ‘quantidade’, *qldade* ‘qualidade’; outras em latim como, por exemplo, *sigfa.* ‘significat’ (CR 23) ou *qre simplicit sgfet dftus* por *quare simpliciter significat defunctus* ‘razão essa pela qual significa simplesmente ‘defunto’ (DE 47).

Admitindo, provisoriamente, que Meisterburg seja o autor do dicionário de Trier³, podemos afirmar que ele é, em comparação com Eckart e o autor da *Prosodia*, aquele que faz o maior número de erros em português e que não domina a LGA à perfeição. Em comparação com a *Prosodia* e Eckart, o Trier/Meisterburg causa a impressão de uma obra inacabada, corrigida em muitas ocasiões. Damos só três exemplos em transcrição diplomática:

- 1) DE 4: De baixo da ~~gabap^{ra}~~. goajaveira. guaiába yguýrpe. me parece: ~~goabalgo~~ goajaba yba guyrpe (Neste caso, o autor não só faz duas correções, mas também acrescenta uma crítica com respeito à sua fonte, neste caso desconhecida, corrigindo a forma (*guaiába*) *yguýrpe*, pouco compreensível, em *goajaba yba guyrpe* ‘debaixo da fruta da goiabeira’).
- 2) DE 151: Desassombrarse ~~a outro~~. acykyieúme. ecykyieúme y tenhe ecykyié.
- 3) DI 29: Direita cousa. çantabúc. rel. ~~alius dicit: atambue~~ amoçatambúc direitar (A correção foi riscada e substituída pelo aditamento, que é um verbo, não um nome “rel(ativo)”, isto é uma forma nominal predicativa de 3ª pessoa: *ç-antabúc*).

Nem a *Prosodia*, nem o *Vocabulario da lingua Brazil* de Eckart apresenta este tipo de correções. Os seus autores, às vezes escrevendo errado, corrigem uma ou algumas letras. Ambos dicionários têm aditamentos, Eckart sobretudo anota aditamentos nas margens largas do seu caderno. As entradas mesmas, a sua especificidade, os exemplos

3. Não é o lugar para discutir os argumentos que falam em favor dele ou de seu companheiro alemão Laurenz Kaulen.

dados e as explicações oferecidas, geralmente em latim, também em português, algumas vezes em alemão no caso do Eckart, sugerem que um autor copiou do outro. As coincidências são inúmeras no caso de Eckart e Trier/Meisterburg, numerosas no caso da *Prosodia* e de Trier/Meisterburg. Dado o caráter inacabado do dicionário de Trier, parece pouco provável que Eckart se tenha servido do dicionário de Meisterburg para completar o seu, antes é Meisterburg quem é sem dúvida aquele que copiou muitas entradas do Eckart, servindo-se para isso também da *Prosodia* e de outras fontes. Entre estas últimas, podia ter certa importância o antigo *Vocabulario na Língua Brasilica*, mas não o *Caderno da Língua* de Arronches (1739), que é muito diferente nas entradas mesmas e nas formas lingüísticas mencionadas. Meisterburg é aquele que tem menos familiaridade com o português, faz mais anotações em latim do que Eckart e o autor da *Prosodia* e que parece estar menos seguro na análise da língua geral.

2.3. A *Prosodia* de língua como fonte possível de Eckart e Meisterburg

Vários indícios sugerem ser a *Prosodia* a fonte comum do Trier/Meisterburg e do *Vocabulario* de Eckart. O autor ainda desconhecido da *Prosodia* está mais seguro em português do que os dois alemães, Eckart e Meisterburg. Às vezes, parece apresentar alguns rasgos de hispanismo (por exemplo, *calidade*, p. 60, *crianza*, p. 60, *tirar devasa* em lugar de *tirar devassa*, p. 80), mas é muito seguro na língua geral, até para fazer as coplas em LGA na última parte do manuscrito. É verdade que, em alguns casos, ele usa construções gramaticalmente incorretas em português, como a junção de preposições **sobre de*, nos títulos de duas coplas ou a expressão *Me declaro que ...* no início do prefácio de seu dicionário (p. 1). Esses fatos enfraquecem a hipótese de considerar João Daniel como um dos possíveis autores da *Prosodia*. Como Eckart e Meisterburg, o autor desconhecido cita em geral a correspondência tradicional de um conceito português, mas a amplia, em muitos casos, acrescentando a expressão ou forma da LGA da sua época e sua região pela marca “vulgo”, expressão adverbial latina que significa “no povo”, isto é ‘hoje e aqui comumente (se usa tal outra expressão)’.

Crítérios para considerar a *Prosodia* como o modelo são as frequentes coincidências já mencionadas e o caráter relativamente sóbrio dos verbetes da *Prosodia*; geralmente, são mais breves, contêm menos variantes e explicações do que os dois outros dicionários. Neste contexto, não convence a argumentação de Papavero e Barros (2013: 346-347), segundo a qual a *Prosodia* seria posterior ao *Vocabulario* de Eckart, porque o autor da *Prosodia* teria rearranjado nesta os vocábulos contidos no apêndice de nomes iniciados com “PR” até “VO”, no Eckart. A comparação dos verbetes do apêndice de Eckart com os correspondentes da *Prosodia* mostra que não se trata do seu rearranjo alfabético na *Prosodia*. Ao contrário, na *Prosodia*, em geral, observamos uma especificação maior, uma diversificação das acepções maior do que no apêndice de Eckart:

[Eckart] <i>Vocabulario da Lingua. Brazil</i>	<i>Prosodia</i>
Propagar. <i>Aporomonhang</i>	Propagar. id. dilatar a geração. <i>Aporomonhang</i> . Propagar. id. fazer saber à varios huã cousa. <i>Acüábucár</i> .
Repudiar g ^{te} [gente]. <i>Amocém xè çüi</i>	Repudiar, fallandose da gente. <i>Amocém (çüi)</i> . Fallandose de cousas. <i>Naipotari</i> . vul. <i>Niti apotár</i> . t. <i>Akoivõ</i>
Vocabulário: Tirar o bicho do pé. <i>Ajöóc tymbyra</i> , das mãos. <i>Aipoekýi</i> . à ave os filhos. <i>Aimoiáb</i> . o Semente [erro do autor] <i>Açaínhóc</i> . o q' está fincado, cravado. <i>Ajöóc</i> . puxar, por corda. <i>Acekýi</i> . da cabeça. <i>Ajöóc iacánga çüi</i> . Se, retirar se, apartar se do peccado. <i>Ajepeá</i> . <i>Apoír</i> , com <i>çüi</i> . Apêndice: Tirar do seu siso alguém. <i>Amoacan-gaib</i> Tirar fogo. <i>Amöár tatá</i> . Tirar devassa. <i>Aporandú porandú</i> . Tirar como dizemos a branco preto. <i>Aib</i> ou <i>pyry</i> no fim do verbo, ou nome da cor, ut <i>Pirángaiib</i> ou <i>Pirángapyry</i> etc ^a	Tirar a Ave os f. ^{os} . <i>Amoiáb</i> . Tirarse. <i>Aieiöóc</i> . t. <i>Aiepëá</i> . Tirar o fingado, ou cravado. <i>Aiöóc</i> . t. <i>Amoçac</i> . Tirar ao alvo. ou Atirar. <i>Açãang</i> . Tirar p.a fora. <i>Amocém</i> . Se he cousa que anda com seus pés. Se porém não anda. <i>Arocém</i> . Tirar por força das maõs alguã cousa que outro tem. <i>Aiöóc</i> . Tirar da cabeça. <i>Aiöóc iacanga çüi</i> . Tirar de seu siso à alguém. <i>Amoacangäib</i> . Tirar fogo. <i>Amöár tatá</i> . Tirar devasa (sic). <i>Aporandú porandú</i> . Tirar como dizemos à branco, preto &c ^a . <i>Aib</i> . ou. <i>Pyry</i> . no fim de verbo, ou nome da cor. ut <i>Pirangäib</i> . <i>Pirangapyry</i> . <i>Pixunäib</i> . &c ^a . Tirar a vida. <i>Aiucá</i> . A. Tirar como por corda. <i>Acekýi</i> . Tirar de algu' lugar p.a outro. <i>Acäyi</i> . Tirarse de algu' lugar p.a outro. <i>Aiepëá</i> . Tirarse, ou retirarse do peccado. <i>Apöír</i> .

A diferenciação maior das acepções e dos usos dos verbos ‘propagar’, ‘repudiar’ e ‘tirar’ mostra claramente que estes não foram “rearranjados” na *Prosodia*, mas que, ao contrário, Eckart escolheu da *Prosodia* as informações que lhe pareciam necessárias e adequadas. Os verbetes do apêndice contêm aqueles que ele antes omitira ou, caso de ‘tirar’, não anotou pormenorizadamente. Tudo isto sugere que a *Prosodia* é anterior ao *Vocabulário* de Eckart. Do fato que Meisterburg, para seu dicionário de Piraguiri, se serviu do Eckart, resulta que ambos dependem da *Prosodia*. No caso de Meisterburg, a dependência ora é indireta, ora direta. Este último caso se dá quando o dicionário de Piraguiri/Trier apresenta verbetes que o Eckart não tem ou não tem na forma dele (vejam-se exemplos na seção 2.5):

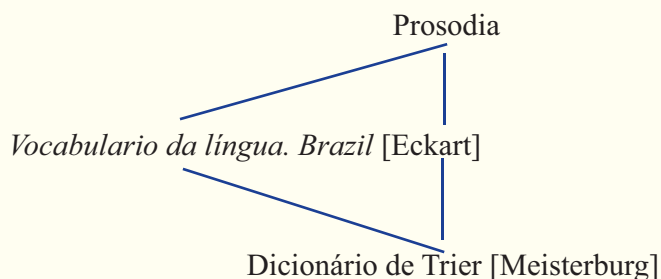


Figura 2: Dependência do Trier/Meisterburg e do Eckart da *Prosodia*.

A dependência de Eckart e Meisterburg da *Prosodia* resulta também daqueles casos em que ambos copiaram mal. Nosso exemplo ‘bafear’ mostra a dependência da *Prosodia* do *Vocabulário na Língua Brasileira (VLB)*. Este tem o verbete ‘bafear’:

“Bafear ou uaporar, neut. – *Atimbor*, Se he pessoa ou cousa uiua, *Xeputuêputuê*”. Nesta forma o verbete não se encontra nem no *Caderno da Língua* (2), nem no *Dicionário Portuguez-Brasiliano (DPB)* (7), mas se encontra, em forma praticamente idêntica nos três dicionários que nos interessam aqui, só que Eckart e Trier/Meisterburg apresentam uma forma *putüentüé*, com nasal, que não parece justificada por nada e portanto tem que ser errada. Erros deste tipo mostram a insegurança dos dois autores alemães, que dependem das suas fontes escritas e só em casos particulares anotam as formas ou expressões que eles ouviram no lugar (vejam-se exemplos na seção 2.5):

<i>Prosodia</i>	Eckart	Trier/Meisterburg
Bafejar, ou vaporar. N. <i>Atimbór.</i> e se he pessoa ou cousa viva. <i>Xe pu-tüé-putüé.</i>	Bafejar. Exspirare, ou vaporar. <i>Atimbór.</i> ; E se he pessoa, ou cousa viva. <i>Xe putüé</i> vel <i>Xe putüentié.</i> Frequentat.	Bafejar, ou vaporar. <i>atimbór.</i> e se he pessoa, ou cousa viva, <i>xeputüé</i> y <i>xepütüentié.</i> freq

Figura 3: Exemplo de erro comum do Eckart e do Trier/Meisterburg.

Outro exemplo que evidencia a dependência comum da *Prosodia*, de Eckart e de Trier/Meisterburg do *VLB*, pelos menos em certos casos, é o verbete “Cantor”, que existe nos quatro dicionários, mas não no *Caderno da Lingua* e também não no *DPB*, onde é substituído por “Cantador” - *nheengaçára*:

<i>VLB</i>	<i>Prosodia</i>	Eckart	Trier/Meisterburg
Cantor. <i>Nheëgaraipara</i>	Cantor. <i>Nhëengaçára</i>	Cantor. <i>Nhëengaçára</i> ; E se he mestre de canto: <i>Nhëen-garäiba.</i> Não se usaõ, porque não tem canto, nem mestre delle.	Cantor. <i>nheengaçara.</i> e se he mestre do canto, <i>nheengaraiba.</i> não tem uso. Porq nem tem canto, nem mestre.

Figura 4: Exemplo de coincidência entre Trier/Meisterburg e Eckart.

2.4. Eckart como autor do Vocabulário da lingua. Brazil

A identidade de Eckart como autor do *Vocabulário da lingua - Brazil* é confirmada pelas informações que ele dá no seu dicionário e na sua obra *Zusätze* (‘aditamentos’), de 1785, assim como, em especial, pelo tratamento dos nomes de aves (Papavero/Barros 2013). Além disso, resulta da comparação da sua escrita no dicionário e em um manuscrito dele, reproduzido em Papavero/Porro (2013: 323, figura 37): a escrita é idêntica. Desta maneira a autoria de Anselm Eckart, corroborada também pelas múltiplas notas em língua alemã que se encontram no dicionário, parece assegurada.

2.5. Análise do dicionário de Trier/Meisterburg: estrutura dos verbetes

Continuamos a análise do dicionário de Trier/Meisterburg pelo cotejo exemplar de verbetes correspondentes em Trier/Meisterburg, no *Vocabulario* de Eckart e na *Prosodia*:

<i>Prosodia</i>	<i>Vocabulario da lingua</i> [Eckart]	Dicionário de Trier/ Meisterburg
Cans na cabeça. <i>Atinga</i> . C. da barba. <i>Tendybá tinga</i> . Cans ter na cabeça. <i>Xe ating</i> . Cans ter as barbas. <i>Xe rendybá ting</i>	Ca'as ter. <i>xe ating</i> . canos; na cabeça : na barba <i>xe rendybá Tinga</i> . Aditamento na margem: ca'as na cabeça <i>xe ating</i> – barba <i>Tendybá tinga</i>	Cans na cabeça. <i>atinga</i> . ter cans \underline{y} caãs. <i>xe ating</i> . caãs ter as barbas. <i>xe rendybating</i> . vul. <i>xerenduating</i> .
Capitaõ, e qualq. ^r q' tem mando como Principal. <i>Tubixába</i> . E se o mando he g ^{de} , e de varias ald. ^{as} . <i>Morobixába</i>	Capitaõ, ou qualquer' principal, quem tem mando, <i>Tubixába</i> ; E se tem m ^{ta} gente a Si Sujeita. <i>Morobixába</i> .	Capitaõ ou qlqr principal, que tem mando. <i>tubixába</i> . e se tem muita gente sujeita. <i>morobixába</i> .
Caranguejos tirar. <i>Aoçàóc</i>	Caranguejos tirar. <i>Aocaóc</i> (sic). São de varias castas; os de duas pontas agudas, e se prendem pelo fundo, e entre as pedras; <i>ciri</i> : que sobem pelas arvores; <i>çarará</i>	Caranguejos tirar. <i>aoçàóc</i> . são de varias castas. os de duas pontas agudas, e se prendem pelo fundo e entre as pedras: <i>ciri</i> . que sobem pelas arvores: <i>çarará</i> .
Carne geral ^{te} . <i>Çöö</i> . assi (sic) tambem se diz a polpa do peixe, ou fruta	Carne geral ^{te} <i>Çöö</i> , assim taõbem se diz a polpa, pulpa/ das fleischichte an dem leib ohne bein, die maus : das hertz oder der kern eines baums oder holtzes: das fleisch oder das safftige an dem obs ['a parte carnosa do corpo sem osso, o músculo, o coração do pau ou da árvore, a polpa da fruta']/ do peixe, ou fruta, ou pao; ut <i>ybyrá röö</i> .	Carne gerl ^{me} <i>çoo</i> assim tambem se diz carne a polpa do peixe, ou fruta ou pao, ut: <i>ybyrá röö</i> (como na maioria dos casos, Meisterburg não aceita a explicação em alemão intercalada de Eckart)

<i>Prosodia</i>	<i>Vocabulario da lingua</i> [Eckart]	Dicionário de Trier/ Meisterburg
Catar. <i>Akybóc</i> . Vul. <i>akyuóc</i> .	Catar a cabeça. scalpere. <i>Akybóc</i> ut <i>xekybóc</i>	Catar. <i>akybóc</i> . ut: <i>xekybóc</i> . fricare caput. item dicunt: <i>acemōni</i> . v. coçar
Cavar terra com as mãos, em faz ^{do} algum caminho &c ^a . <i>Acybycói</i> .	Cavar terra com as mãos. <i>Acybycói</i> . He pp ^{te} fazer algum caminho a (rasura) ou lugar p.a alguma cousa. <i>Acybycói</i> .	Cavar terra com as mãos. <i>acybycói</i> . he pp ^{mte} fazer algum caminho a canaõ [canoas] ou lugar p ^a g alguma cousa. <i>acybycói</i> .
Chegar hu'a cousa p ^a outra. <i>Acýc</i> . pede [pende] recé. ut <i>Pachicú ocýc xerecé</i> . Também se pergunta modest ^{te} a hu'a m.er confessando, si rem habuit &c ^a <i>Apyába ocýctäé nde recé</i> .	Chegar de huma cousa à outra. <i>Acýc</i> , ùt <i>pachicú ocýc xe recé</i> . Chega p. ^a cá. <i>Ecýc xe cotý</i> .	Chegar huma cousa p ^a outra. <i>acýc</i> ut: <i>pachicú ocýc cherecé</i> . também se diz modest ^{mte} : <i>apyába ocýc täé nde recé?</i> e quer dizer em bom [boa] linguagem entendo comtigo algum homem?
--- (VLB: cheirar. olfacere – <i>Acetún</i> . Act.)	Cheirar, tomando cheiro, odorari, olfacere. <i>Acetún</i> . N. usaõ taõbem dezte verbo, quando querem dizer beijar alguma imagem do x ^{to} ou de algum s ^{to} , ou a maõ de alguém	Cheirar, tomando cheiro. <i>acetyñ</i> n. uzaõ também desse verbo, quando dizer beijar alguma imagem do s ^{to} Christo, ou de algu' s ^{to} ou à maõ de alguém (<i>acetyñ</i> , verbo inexistente; é erro do autor; como no Eckart; <i>a-cetún</i> não é verbo neutro, mas verbo transitivo ["Act." na <i>Prosodia</i>]; erros em português são "quando dizer" e "à maõ").
Cocegas fazer. <i>Apokiríc</i> . ut <i>Apyába xe pokiríc</i> . Hum Homem me fez cocegas. Uel Freq. ^o <i>xepokirikiríc</i> . se ouve as vezes nas confissoens.	Cocegas fazer a alguém, titillationem causare. <i>Apokiríc</i> v <i>Apokiriríc</i> . Frequentat ùt <i>Apyába xe pokiríc</i> hum homem me fez cocegas. Alii: <i>xemokiríc</i> . <i>Amokiríc</i> .	Cocegas fazer a alguém-titillationē causare. <i>apokiríc</i> . o freq. faz: <i>apokirikiríc</i> . ut: <i>apyába xepokiríc</i> . hum homem me fez cocegas. alii. <i>xemokiríc</i> . <i>amokiríc</i> .
Collo m. ^{to} delgado. <i>Ajuri</i> . (esta forma analisa-se como o diminutivo de <i>ajúr-a</i> 'colo': <i>ajur</i> + <i>-i</i> > <i>ajuri</i> ; Meisterburg copiou mal escrevendo <i>ajúri</i>)	Collo mui delgado, gracile. <i>Ajuri</i> . À o collo trazer algum [alguma] criança. <i>Amöi pitanga, ou, tayna</i> . e assim dizem, quando a querem aquietar.; ùt <i>amöi xe membyra</i> . (erro de LGA: <i>tayna</i>)	Collo mto delgado: <i>ajuri</i> . ao collo trazer algu'a criança [criança]: <i>amöi pitánga</i> , ou <i>taýra</i> . e assim dizem qdo querem a aquietar.. ut: <i>amöi xemembyra</i> . (erros de português nos dois autores [À o collo, algum criança].)

<i>Prosodia</i>	<i>Vocabulario da lingua</i> [Eckart]	Dicionário de Trier/ Meisterburg
Demarcar cousas vivas, pondolhes algum sinal de pano &c. <i>Amotapacurá</i> . Mas se he sinal, q' se faz na pelle dos animaes, como cortandolhes a orelha, ou ponta do rabo, ou com algu' ferro. <i>Amoçãangáb</i> .	Demarcar cousas vivas, pondolhes algum sinal do panno ou do fio &c <i>Amotapacurá</i> ; mas se he sinal, que se faz na pelle dos animaes, como cortandolhes a orelha ou a ponta do rabo/ cauda/ ou com algum ferro, como fazem no gado. <i>Amoçãangáb</i> .	Demarcar cousas vivas, pondolhes algu' sinal de panno ou fio etc. <i>amotapacurá</i> . mas se he sinal na pelle, que se faz aos animaes, como cortandolhes a orelha, ou ponta do rabo, ou com algum ferro, como fazem no gado. <i>amoçaangáb</i> .
Dentro. adv. não ha, mas serve em seu lugar a prop. do Ablat. <i>Pe</i> , t. <i>Pupé</i> , ut <i>oicó çocupé</i> , t. <i>oicó ygárpe</i> , t. <i>ygárape</i> , Aliqdo a propos. <i>Me</i> ut <i>oicó paranáme</i> , ou, <i>oço</i> . <i>oicó nhume</i> . (o verbete "dentro" do <i>VLB</i> apresenta texto e exemplos semelhantes)	Dentro. Intra. Não ha, mas serve em seu lugar a propos. do Ablat. <i>pé</i> vel <i>pupé</i> ; ut <i>oicó çokipé</i> : <i>oicó ygarpe</i> , <i>oicó ygára pupé</i> ; aliquando <i>me</i> , ut: <i>oicó paranáme, nhúme</i> . Aditamento na margem: <i>Patüa pupé oicó</i> , esta (sic) dentro da caixa.	Dentro <i>præp</i> . não ha. em seu lugar serve a <i>præp</i> . do ablat. <i>pe</i> <u>v</u> <i>pupé</i> . ut: <i>oicó paranáme, nhúme</i> .

Figura 5: Cotejo de verbetes em três dicionários.

A comparação mostra as grandes coincidências entre Eckart, Trier/Meisterburg e a *Prosodia*. Os casos de a *Prosodia* oferecer um verbete mais breve, com menos exemplos e menos explicações, sugerem que Eckart e Meisterburg se aproveitaram da *Prosodia*, já que outros dicionários como o *Caderno da Língua* (Arronches) e o *DPB* têm, em muito menos casos, verbetes comparáveis ou correspondências textuais com a *Prosodia*, Eckart e Trier/ Meisterburg.

2.6. Análise dos dicionários de Eckart e Trier/Meisterburg: características comuns

Os dicionários confeccionados por Eckart e Meisterburg caracterizam-se por traços comuns que refletem o tempo relativamente breve que os dois missionários passaram na Amazônia brasileira. Da estadia

limitada em terras de língua portuguesa e de língua geral amazônica resultam os erros de português que apresentam os seus dicionários e também a insegurança na língua geral que tem como consequência formas encontradas nas fontes mal copiadas porque não entendidas e, em certos casos, análises morfossintáticas erradas. Vamos dar só alguns exemplos, além daqueles já marcados nas figuras 1, 3 e 5. Geralmente, os erros são individuais. Eis aqui exemplos de erros em português do Trier Meisterburg:

- Trier/Meisterburg AD 6: adegeiro [adegueiro]. Eckart: adegueiro.
- Trier/Meisterburg AD 7: adeldaçar [adelgaçar]. Eckart: adelgaçar.
- Trier/Meisterburg AR 40: Arrodondar [arredondar]. *amöapöä. Prosodia*: Arredondar como bolla. *Amöapöä*. A. Falta no Eckart.
- Trier/Meisterburg DE 121: Derreter se. *xembéc*, e se he os mesmo [em lugar de eu mesmo], que eu derreto ou destaço [desfaço] na agoa. *aeticoar. aticoár*. a.
- Trier/Meisterburg DO 13: Doer ou pezarme. *xeracy*. mas em lugar de *çuí*, se poem *çupé*, ut: *çacy ixebo.mbüépe çacy pachicu çupé*. que cousa doem [doe, na grafia atual dói] ou da pezar ao Francisco.

Em vários casos, a insegurança no português se manifesta pelos erros de gênero como, por exemplo, Trier/Meisterburg CO 201: Corte do ferra^{mo} [da ferramenta]. *çambé*. Porém, em FE 53, escreve *Ferramenta*. Eckart apresenta *Córte* de ferramentos, angume (sic) de espada. *Acies. çäembé*. Comentário: Além do gênero errado em “ferramento”, Eckart confunde o latim *acumen* ‘gume’ com o português *gume* para formar **angume*.

Precisa-se tomar em consideração, porém, a evolução da língua, tanto da portuguesa como da LGA. Os dicionários do século XVIII oferecem, naturalmente, a língua da sua época. *Emparar* era a forma tradicional, cuja variante moderna *amparar*, hoje normal, ainda era um neologismo. *Prosodia*, Eckart, Trier/Meisterburg e o *DPB* oferecem

emparar, e até Pereira (1697, II: 12), no verbete *amparar*, remete o leitor a *emparar*:

- Trier/Meisterburg EM 64: Emparar [amparar], *apytymõ*. adjuvare; *Prosodia* Emparar. *Apytymó*. Eckart também tem Emparar. *Protegere*.

Erros de LGA ou erros na análise da LGA encontram-se no dicionário de Trier/ Meisterburg, raramente naquele de Eckart, nunca – pelo que pudemos ver – na *Prosodia*:

- Trier/Meisterburg AP 45: Aportar. *acyc. acyc ygára*. veyo a canoa. Comentário: ‘Veio ou aportou a canoa’ teria que ser *Ocyg ygára*, na 3ª p em *o-*, não na 1ª em *a-*. Exemplo provavelmente mal copiado porque mal entendido no dicionário de Eckart, que tem: Aportar. Apellere, Portum tenere. *Acyc*; ut: *Acyc ygárapupé uan* ‘Já cheguey ao porto’, tradução esta também errada, já que *ygárapupé* significa ‘na canoa’; ‘ao porto’ seria *ygárapába-pe*. A expressão correta, no sentido de Trier/Meisterburg, está na *Prosodia*: Aportar. *Acyc*, ut *Ocyg ygára*. t. [= também] *Aietpotar* ut *oiepotar ygára*.
- Trier/Meisterburg 243: Coxear. *xe pári* y *xe apári* [em lugar de *xe parĩ* ‘ser coxo’ nos dois casos]. Eckart também apresenta o erro da /i/ oral, mas pelo menos não tem o acento na penúltima, e especifica a forma *xe apári* como mais moderna: Coxear. claudicare. *xe parí*. vulg. *xe apári*. [Segue a anotação enigmática: T. *apári*. R. *Ixeapár*].⁴
- Trier/Meisterburg PE 116: Perderse de memória, ou de vista. *acanhem çui* (‘eu me perdi dele’) ut: *ocanhem igára xe çui*. perdi a canoa de vista v. perdi simplr [simpliciter ‘simplesmente’]. Comentário: Na realidade, o exemplo oferecido significa ‘a canoa se sumiu de mim’. A autor do ms. não dominava bem a morfossintaxe da LGA, nem a morfologia do português, já que a forma adequada do verbo *perder* seria *perdi*, não *perdei*. O verbete parece quase idêntico com o da *Prosodia*: Perderse de

4. *Apara* ‘curvo, entevado, paralítico’ está documentado em tupinambá; *apári* poderia ser um diminutivo (*apar-* + *i*). Enigmático é o que segue não só pela letra “R.”, mas também pela forma que segue, com inicial difícil de decifrar no manuscrito.

memória, ou de vista. *Acanhém çüü. ut ocanhém ygára xe çüü.*
perdi de vista a canoa, ou perdi a canoa.

Um erro de Eckart, que não se encontra no Trier/Meisterburg, se observa na entrada Decer ou abaixar ou pendurado, suspensum, ou o q' está em alto. *Agoryb.* Fazer q' deça, obrigar a alguém a decer. *Amogoegyb.* Meisterburg tem a forma correta, *aroryb*, a da diátese socio-comitativa em *-ro-*, que significa que o sujeito faz a mesma ação que o objeto que solicita.

Talvez não seja erro o que se observa no verbete de Eckart: Enterrar. *Ahotým* ou *Aiotým.* *Ahotým* pode ser mero lapso, mas também pode ser a variante realmente usada em Abacaxis (rio Madeira), [ao'tf]? Meisterburg tem a entrada Plantar. *Aiotým. Prosodia Aiotým. DPB Jotýme., mas VLB Anhotigm.* A raiz é nasal também em outras línguas tupi-guarani (guarani paraguaio, mbyá, guarayu *a-nhotỹ* 'eu enterrei', 'plantei'). Na LGA parece ser mais um caso de desnasalização ocorrido no século XVIII. Para a LGP Martius (1867: 110) anota *nhotím*.⁵

Os dois missionários alemães fazem erros grosseiros conferindo ao português traços lingüísticos da sua língua materna, o alemão. Uma das características desta língua, na língua falada de certas regiões e de certos dialetos, é a não-distinção entre as consoantes oclusivas sonoras e sordas: /p/ [p – b], /t/ [t – d], /k/ [k – x – g], /s/ [s – z]. Esta distinção irregular reflete-se no português escrito do dois autores em vários casos: Trier/Meisterburg: *affoquear* [afogear], *arrecanhar* [arreganhar], (os dentes como o caõ), *foqueira* [fogueira], *sanque* [sangue], *seque* [segue]. Todos estes exemplos não se encontram no *Vocabulario* de Eckart, embora o seu dicionário não careça de erros deste tipo..

Erros característicos se dão quando Meisterburg copia mal porque não entende bem o que escreveu Eckart: Almecega. Mastiche. *ycýca*; a dura que serve para louça, vasis; *Itá ycýca.* Na cópia de Meisterburg lemos, AL 69: Almesiga v Almecega. mastichè. *ycýca.* a dura q serve p^a couça: *itá ycýca.* Como Meisterburg obviamente não conhece o lexema *louça*, embora Eckart traduza pelo latim *vasis*, ele escreve

5. Este tipo de desnasalização se observa em muitas ocasiões quando se compara o VLB e os dicionários de LGA; por exemplo, *VLB*: Arremeter o animal, ou ser brauo – *Anharõ*, *Prosodia* e Trier/Meisterburg *Anharõ* e *Aiarõ*; *VLB* andar roda como de engenho – *Anhatiman*, *Prosodia*, Eckart, Trier/Meisterburg *Anhatimán* e *Aiatimán*.

couça, talvez pensando em *cousa*, palavras que ele provavelmente pronunciava de maneira igual

2.7. Variação diacrônica na LGA

Todos os três dicionários, tanto a *Prosodia* como o Eckart e o Trier/Meisterburg, distinguem-se dos outros pela indicação mais ou menos sistemática da evolução do léxico, mas também da morfossintaxe da LGA. O *VLB* menciona variantes lexicais pela sigla latina *l.* (licet ‘ou seja’). Não se sabe nestes casos se se trata de variação regional ou diacrônica. O *Caderno da língua* (1739, Arronches) não indica variação, já que regularmente menciona só a forma mais moderna, a que se usa na região e na época da sua confecção. Esta é, em geral, também a postura do *DPB* (n. 7 da lista dada na seção 2) e do *Dicionario* de 1771 (n. 6 da lista). Só os autores dos três dicionários referidos em cima, dois dos quais com certeza foram escritos por missionários estrangeiros, caracterizam-se por um procedimento comum: mencionam em primeiro lugar a expressão tradicional, encontrada não se sabe sempre em que fonte, só às vezes é obviamente o *VLB*. Depois indicam, com certa regularidade, o uso atual. É difícil saber alguma coisa sobre variação dialetal. Somente quando o Trier/Meisterburg anota “Isto é o que ouvi várias vezes” ou “Ouvi também (tal outra forma)”, podemos entender que se trata do uso regional do baixo Xingu.

A marca *vul.* ou *vulg.*, raramente *v.* refere-se ao advérbio latino *vulgo* ‘na fala da gente’. Não significa uso vulgar em sentido pejorativo, com referência ao uso das capas baixas do vulgo, mas, sem intenção normativa, ao uso cotidiano. Indica-se assim a discrepância entre os inícios da LGA, que ainda não se afastara muito do tupinambá. Alguns exemplos ilustrarão as diferenças, diferenças que em alguns casos parecem ser grandes pela mudança ocorrida na forma da negação predicativa (nos verbos e nos nomes predicativos):

- Eckart: Achaquoso (Pereira 1697, II: 4 *Achacoso* e *Achaquosa* *cousa*) andar ou mal disposto. *Naxecatúii* ∩ *Naicó maracatúii* ∩ *Naxemaragatúii*. vulgo *Niti xe catú* ∩ *xe mbäé acý mirí*.
- Eckart: Açoutar de qualquer modo. *Ainupã*. vulgò *Anupã*. o frequent. *Anupãnupã*. Trier/ Meisterburg oferece um verbete

idêntico enquanto a *Prosodia* só dá a forma contemporânea *Anupã*, sem a marca pessoal de 1ª pessoa em *ai-*, que é a forma tradicional (veja-se 2.8).

- Trier/Meisterburg FI 15: Filha do varaõ. *taiýra*. vul. *tagýra*. ou *tagíra*. Eckart tem um verbete praticamente idêntico, a *Prosodia* menciona a forma tradicional *taiýra* e a moderna *tagíra*. Como veremos em 2.8, a mudança se refere à evolução da /j/ intervocálica que se tornara [ʒ] na língua do século XVIII, e à confusão crescente das vogais /í/ e /i/ que resulta na redução de /í/..

Está claro que a formação de uma língua geral implicava a separação entre a língua dos indígenas, que continuavam vivendo a sua vida tradicional, caracterizada por uma espiritualidade própria, com menos acesso à vida material dos brancos e mestiços e com menos contato com o português, e a língua da sociedade mestiça, cristianizada e impregnada mais ou menos do modo dos mestiços de pensar e de organizar a sua vida. O processo da cisão foi lento no século XVI, mas no século XVIII a diferenciação já era evidente. Contudo, não é imaginável a situação aludida de Lee (2005: 174, 202, 254), segundo a qual até a língua geral do século XVI/início de séc. XVII era incompreensível para os falantes da LGA do século XVIII. Vejam-se as diferenças maiores alistadas na seção 2.8.

No século XVIII, a LGA podia parecer “corrupta” aos olhos de pessoas que conheciam a língua do século anterior, mas por isso os linguistas de hoje não têm motivo para caracterizá-la de “corrupta” ou até de língua “crioula” ou “crioulizada”. O que observamos é a evolução normal de uma língua viva, falada pela gente e não conservada só nas gramáticas normativas. As mudanças que veremos na seção seguinte e as alistadas por Rodrigues (1996: 12-13) não dão pretexto para pensar em evoluções excepcionais. As línguas gerais, na definição de Rodrigues (1996) não foram criadas pelos missionários, foram eles que tiveram que aprendê-las. Na situação da missão jesuítica era natural que a língua que se aprendia e propagava para a catequese fosse “reduzida” a certa norma. Os missionários, que não eram linguistas descritivistas, não podiam aceitar todas as variantes existentes. Porém, a variação contemporânea e a diacrônica que vemos documentada nos seus dicionários é admirável; não fala em favor de uma teoria da

redução ilegítima ou até da falsificação da língua natural por parte dos missionários.

2.8. *Evolução lingüística interna da LGA*

Os exemplos dados na seção anterior já incluem grande parte das mudanças estruturais ocorridas na evolução da língua. As mudanças fonológicas foram estudadas por Schmidt-Riese (1999) e Monserrat (2006). Aqui só mencionamos as mais importantes para os três dicionários estudados neste artigo. Não consideramos as mudanças morfosintáticas alistadas por Rodrigues (1996: 12-13), mas vamos analisar duas outras, não mencionadas pelo colega e amigo defunto.

2.8.1. *Fonologia*

A oclusão glotal (Monserrat 2006:3-4), que se perdeu no Nheengatu finais do século XIX, inícios do XX, nunca se marcou de maneira clara e sistemática, nem na tradição brasileira, de Anchieta até Figueira e a descrição das línguas gerais, nem na espanhola, de Ruiz de Montoya até as gramáticas do guarani paraguaio de inícios do séc. XX. Registra-se, de maneira surpreendente, nos dicionários de Eckart e de Trier/Meisterburg, não marcando-se sistematicamente, mas de maneira bastante regular. Indica-se indiretamente pelo trema na vogal que precede a oclusão glotal e pelo acento agudo na vogal seguinte: mbäé /mba'ʔe/. A *Prosodia* usa deste procedimento rara e irregularmente, o *Caderno da lingua* (Arronches) quase nunca.

A fricativa bilabial sonora /β/ do Tupinambá (Monserrat 2006: 4-5), passada a [b] em posição final na LGA (Eckart e Trier/Meisterburg *acuáb* 'saber'), vocaliza-se já na segunda metade do séc. XVIII (*DPB* acabar *mombáo* [*< mo- + pab*]). Confundem-se /b/ e /w/ em posição medial: Trier/Meisterburg VE 24: Vento. *ybytu* v *yvytu*; Eckart ainda tem *ybytu*, como o *DPB*; Trier/Meisterburg FI 21: Fim ou cabo. do que se faz. *papába* v *papáva*. *VLB* *xe roba* 'meu rosto' – *Prosodia* *xe rouá*.

O apagamento paulatino da /i/, acabado finalmente no Nheengatu, já se anunciava em certas formas do século XVIII, por exemplo na

forma *ybetu* ‘vento’ dada no *Caderno da lingua* (1739, Arronches), em lugar de *ybytu* ou *yvytu*. Exemplos de Trier/Meisterburg e Eckart são *poxi* (por exemplo em ‘filho ou filha da puta’ *cunhã poxi membyra* ‘criatura de mulher má’, em lugar de *poxy*, e o já mencionado *tagira* ‘filha’, em lugar de *tajýra* (v. 2.7).

2.8.2. Morfossintaxe

É certamente pelo contato com o português que se desenvolveu a mudança tipologicamente notável na forma da negação verbal. O exemplo do Trier/Meisterburg ilustra a mudança: NA 14: Naõ querer. *naipotari*. vul. *niti apotar*. alii: *niti xe apotar*. naõ saber. *naicuábi*. vul. *niti acuáb* \underline{v} *niti xe acuáb*. Edelweiss (1961: 282) dá uma explicação fundada da origem da negação *nitío*, forma que aparece no séc. XVIII. Primeiro analisa a forma comprida *nitibi* dizendo que vem de *tyb-a* ‘existência’. A forma segmentando-se *n-i-tib-i*, se explica apartir de

<i>n-</i>	<i>i-tyb-</i>	<i>i</i>
NEG	3 p-existência.múltiple	NEG
‘não há, não existe (abundância de)’		

Então, *nitío* apresenta a forma abreviada **nitib* – prefixo de negação em lugar do morfema discontinuo – e a vocalização da -b final, vocalização freqüentemente documentada no *Diccionario* (1771, por exemplo *mombao* < *mombak*). *Nitío* é a forma documentada no *DPB*, *niti* a forma usual dos outros dicionários. Negações comparáveis desenvolveram-se em duas línguas Tupi-Guarani bolivianas, no Guarani Boliviano *mbáety* ‘não, não há’ e no Yúki, *biti*. As duas parecem estar igualmente em conexão com a raiz *tyβ* – *tib*. Na perspectiva tipológica, a mudança consiste na substituição de um morfema do predicado por um elemento preposto, de um procedimento flexivo por uma construção analítica. Esta corresponde ao *não* que precede o verbo ou o predicado nominal do português (*não quero, ele não é médico*).

A segunda mudança observada na LGA a partir do século XVIII refere-se à criação da partícula *uan*, geralmente <üan> nos dicionários

de Eckart e Trier/Meisterburg. Ainda não se encontra no *VLB*, mas sim em todos os dicionários de LGA posteriores, e se documenta, na forma *oáne*, também na LGP (Leite 2013: 168). Trata-se do resultado do elemento *-am-/ -wam-* do tupinambá que expressa a perspectiva antecipatória da ação (Jensen 1998: 544 e 596; Ruth Monserrat, c.p.). No Nhengatu atual, *wã* tem o valor de marcador de perfeito (Cruz 2011). Alguns exemplos encontrados, de forma bastante similar, em Eckart e em Trier/Meisterburg, são: Trier/Meisterburg AM 17: Amanhecer. *coemiá. coéme potar üan* ('Já quer amanhecer'); DE 57: Deitar raízes. *çapöüan* (Isto é *ç-apo wã* 'já tem raiz'); JA 1. Ja. *uán* no fim do verbo. ut: *oçó uán. oúr uán. ja foy, veyo. Se uan era e é realmente um morfema de passado, de ação acabada, e não um marcador de evidencialidade, então seu desenvolvimento nas línguas gerais se deve provavelmente à influência do português. Se fosse expressão da evidencialidade, eventualmente com o valor de 'validade da informação confirmada pelo sujeito', então se teria conservada a estrutura tipológica da língua indígena, com a sua preferência de distinções evidenciais.*⁶

O autor da *Prosodia* usa *niti* e *uan* também nas suas coplas, *niti* a par da negação tradicional com *n(d)* ... *-i*. Eis aqui alguns exemplos da "Lida das missionários com os sertanejos", na tradução de Eduardo Navarro (Navarro 2008: 108-109): *Opauán, ëí, Apyábetá* 'Diz: - Acabaram-se os índios'. *Xe recé niti ereimociár, Xe çüí abé niti erepöuçú, Nde recó niti ereiporacár*. 'A mim não o avisaste, de mim também não tiveste medo. Teu dever não cumpriste'.

3. A Língua Geral Paulista

Sobre a Língua Geral Paulista não podemos dizer muita coisa pela falta de documentação. O valor do dicionário de verbos de von Martius (Martius 1867; Cruz 2005: 35-39) é prejudicado pela grafia pouco clara, aportuguesada, muito menos "profissional" que a dos missionários dos séculos anteriores. As vogais nasais não são marcadas claramente. As consoantes finais, que teriam que estar apagadas no tupi do Sul, muitas

6. Veja-se Dietrich 2010, onde se discute um fenômeno paralelo do Guaraní paraguaio: o sufixo átono *-ma*, que se traduz tradicionalmente por 'já', é interpretado como marcador de evidencialidade.

vezes estão salientadas: por exemplo “tanger (tocar) – *pocoque*” (em lugar de *pocó*); “pregar hum prego – *ombotáque támiri*” (em lugar de *mbotá*); “rasgar – *soroque*” (em lugar de *soró*). As formas verbais listadas uma vez estão na 1ª p, uma vez na 3ª p, outra vez se apresenta a raiz verbal.

3.1. Particularidades fonológicas

O que se pode ver claramente é a evolução definitiva de /mb/- inicial a /b/- (*bocái* ‘queimar’), e o traço que caracteriza a língua geral austral, a passagem de /i/ a /u/ em muitíssimos casos:

Diccionario de verbos (Martius)	Dicionários de LGA, ou outros
repetir – <i>buyevú</i>	<i>DPB mbojevýr</i> ‘tornar a fazer’
temer – <i>cêmondúí</i>	Guarani <i>mondýi</i> ‘assustar-se’; Trier/Meisterburg <i>a-cykyié</i> ‘temer’
sentar-se – <i>oapúque</i>	<i>VLB</i> assentar-se <i>aguapigc</i> [agwa’pik]
tingir – <i>bô ovú</i>	Guarani <i>mbohovy</i> ‘tingir de verde/ de azul’
molhar – <i>moacú</i>	Eckart e Trier/Meisterburg <i>amoiakým</i>
murar – <i>buijúpy uvú</i> (‘levantar terra’), <i>uvú</i> ‘terra’	Eckart, Trier/Meisterburg e os demais: <i>yby</i> ‘terra’
enterrar – <i>nhotum</i>	Trier/ Meisterburg <i>anhotým/ aiotým</i>
ehover – <i>ocú</i>	Trier/Meisterburg e Eckart <i>okýr</i>

Figura 6: Exemplos de /u/ < /i/ na LGP.

Das combinações de verbo e objeto resulta que ‘sal’ é *yucúra* na LGP, em comparação com *jukýra* ‘sal’ na LGA. Daí que fique evidente que as consoantes finais do tupinambá não se apagaram na LGP, mas, como na LGA, muitas delas se conservaram. Resultaram palavras graves devido ao acréscimo de vogais átonas, nos nomes geralmente se acrescentou a -a do antigo caso argumentativo do tupinambá. Nos verbos, se explicam formas mencionadas em cima como [po’koki], [bo’taki], [so’roki] pela epêntese, típica do português brasileiro, que consiste no acréscimo de uma vogal, em geral /i/, depois de consoantes e grupos consonânticos finais, impossíveis em português, que podem aparecer em neologismos de origem estrangeira (*film* [‘filmi]) ou em siglas como USP [‘uspi]. Pela mesma razão a forma gráfica portuguesa de *ticket* é *tiquete* e *New York* se torna *Nova Iorque* /’jorki/.

3.2. O Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira

Infelizmente, de tudo isso se reconhece bem pouco no *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira (VELGB)* de Machado de Oliveira, reproduzido em Leite (2013: 151-176). Como escreve a autora (Leite 2013: 133), o *Vocabulário* de Machado de Oliveira é uma lista composta de várias fontes, tanto da língua geral falada no Sul como de diversos documentos de LGA, entre eles o *DPB*. O *VELGB*, como o *Diccionario de verbos* de Martius, também não marca claramente as vogais nasais. Eis aqui as coincidências encontradas com o *Diccionario de verbos* de Martius, das letras A – C dos verbetes do *VELGB*:

<i>VELGB</i>	Martius	Língua Geral Amazônica
<i>a-nhenô</i> ‘deitar-se’	<i>nhee nó</i>	<i>a-nhenóng</i>
<i>apuan</i> ‘levantar’	<i>púám</i>	<i>a-püám</i> ‘levantar-se’
<i>bebé</i> ‘voar’	<i>bebé</i>	<i>a-bebé</i>
<i>cái</i> ‘arder’	<i>ocui, acai</i>	<i>a-cái</i>
<i>açauçub</i> ‘amar’	<i>acauçub</i> (lapso evidente por <i>a-çauçub</i>)	<i>a-çauçub</i>
<i>cê</i> ‘saborear, gostar’	<i>cê</i>	<i>cêẽ</i> ‘gostoso ser o comer’
<i>cendi</i> (lapso por <i>cenói</i>)	<i>cenôin</i> ‘chamar, convidar’	<i>a-cenôi</i>
<i>cetúma</i> ‘cheirar’	<i>centun</i>	<i>a-cetún</i>
<i>comeêng</i> ‘mostrar’	<i>cêcôvêem</i>	<i>a-camëeng</i>

Figura 7: Cotejo de possíveis documentos de LGP.

O cotejo mostra coincidência lexical geral entre a LGA e a LGP. Parece haver casos de diferenciação sintática (*a-pu’ã* ‘levantar’ e ‘levantar-se’). LGP *cê* dificilmente pode ser um verbo transitivo ‘saborear, provar’. A palavra correspondente *cêẽ* da LGA é um nome predicativo, ‘é gostoso’, ‘é doce’. Em casos de discrepância, como *ar* (*VELGB*) – *aa* (Martius) ‘cair’ (*äär* na LGA), *arobiar* ((*VELGB*) – *roviá* (Martius) ‘acreditar, crer’ (*a-robiár* na LGA), não se sabe se se trata de variantes na LGA ou da diferença entre LGA e LGP. A LGP segue estando mal documentada. A documentação é escassa demais e insegura para podermos fazer observações definitivas.

3.3. *Problemas do Vocabulário na Língua Brasileira*

Fica problemática a classificação do *Vocabulário na Língua Brasileira (VLB)*. Segundo o critério proposto por Barros (em Papavero/Barros 2013: 339), seria um dicionário de LGA, já que a tradução que oferece para ‘inverno’, *roig* ‘frio’ e ‘verão’ *coaracig* ‘sol’, *mbiracubora* (isto é *pi rakuvo-ra(mo)* ‘quando faz calor na pele’) é indício de uma região de estações marcadas pelo frio e o calor, portanto a região austral. Em comparação com isto na LGA ‘inverno’ é *amána ára* ‘tempo de chuva’, ‘verão’ *coaracy ára* ‘tempo de sol’ (*Prosodia*, Eckart e Trier/ Meisterburg), com o que se continua a distinção europeia das estações, a do hemisfério norte. Em favor de uma filiação com a LGA, fala também a alusão que faz o autor do *VLB* aos carijos, ou carijós, do sul do Brasil, nação cuja língua é a peça de ligação com o guarani. Um autor de LGA não teria motivo para mencionar os carijos. Também alusões a lugares do Sul como São Vicente e Angra dos Reis e, ao mesmo tempo, a falta de alusões a lugares do Norte falam em favor da filiação austral do *VLB*. Pelo outro lado, o *VLB* não se caracteriza pelo traços lingüísticos típicos da LGA, provavelmente porque é anterior às mudanças alistadas em cima. Ainda que fosse escrito ou copiado em Piratininga em 1621, não há evidência absoluta de que se trata de um dicionário de LGA. Parece seguro que cópias do *VLB* circulavam também nas missões do Pará já que existem várias coincidências textuais entre o *VLB* e os dicionários de LGA (*Prosodia*, Eckart e Trier/ Meisterburg). É preciso fazer mais pesquisas pormenizadas sobre este importante dicionário anônimo.

Considerações finais

Nosso estudo da temática das línguas gerais teve os seguintes resultados: em primeiro lugar, a discussão da definição do termo “língua geral” proposta por Rodrigues (1996) mostrou a utilidade do termo assim definido já que o conceito conserva a sua clareza perante intentos de reduzir os critérios delimitadores, tanto os que se referem à história social como os que se referem à geografia específica da formação de línguas gerais brasileiras.

Em segundo lugar se estudou a documentação existente da Língua Geral Amazônica. Pela primeira vez, se fez uma análise aprofundada de três manuscritos anônimos de dicionários de LGA, especialmente de dois manuscritos de dicionários confeccionados por missionários jesuitas alemães do século XVIII. Trata-se do dicionário recentemente descoberto na Biblioteca Municipal de Trier (Alemanha) e do *Vocabulário da língua. Brazil*. Os dois foram escritos pouco antes de 1757, ano da proibição e expulsão dos jesuitas. Pôde-se identificar Anselm Eckart como autor do *Vocabulário* enquanto a autoria do dicionário de Trier ainda não está certa. Porém, é muito provável que Anton Meisterburg pode se considerar como o autor do dicionário de Trier. Conseguimos mostrar também que a *Prosodia*, ainda anônima, é uma das fontes de Eckart e de Meisterburg e que, por isso, é anterior aos manuscritos deles.

Com respeito à Língua Geral Paulista, a situação dos nossos conhecimentos não melhorou muito em comparação com a descrita por Rodrigues (1996: 8-9). Apesar do estudo de Leite (2013) e da nossa análise do *Diccionario de verbos* de Martius e do *Vocabulário Elementar* republicado por Leite (2013) a documentação fica insuficiente. Ainda que o *Vocabulario na Lingua Brasilica* de 1621 fosse um documento da LGP, este, dada a sua confecção precoce, ainda não dá informação sobre particularidades deste tipo de língua geral.

Recebido em julho de 2014

Aprovado em agosto de 2014

E-mail: wolf-dietrich.sahr@urz.uniheidelberg.de

Referências bibliográficas

a) Dicionários de língua geral

- ARRONCHES, Frei João de. 1739/1935. O Caderno da Língua. Vocabulário Portuguez-Tupi, Notas e commentarios à margem de um manuscrito do século XVIII”, publicado por Plínio Ayrosa, *Revista do Museu Paulista* 21: 3-267; ms. da Biblioteca do Museu Paulista.
- Diccionario da lingua geral do Brasil que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado*, Belém 1771, ms. 81 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, publicado por Cândida Barros e Antônio Lessa (orgs.), Belém: Editora da UFPA, 2006.

- Dicionário Português-Língua Geral*. 1756. Ms. 1136 da Biblioteca Municipal de Trier (Alemanha).
- Diccionario Portuguez-Brasiliiano e Brasiliiano-Portuguez*. 1795/1934. Ed. preparada por Plínio Ayrosa, *Revista do Museu Paulista* 18: 17-322.
- Prosódia de língua*. S.d. Ms. da Academia de Ciências de Lisboa, M.A. n. 569. [Eckart, Anselm, S. J.]. s.d. *Vocabulario da língua. Brazil*. S.d. Ms. da Bibl. Nacional de Lisboa. Cod. 3143.
- MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. 1867. *Diccionario de Verbos. Zeitwörter. Portuguez – Tupi austral – Deutsch*. In: *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, II: Zur Sprachenkunde*. Leipzig: Fleischer, 99-122.
- Vocabulario na língua brasílica. Manuscrito português-tupi do século XVII 1621/1938*. Coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa, São Paulo: Coleção Departamento de Cultura, vol. 20 2ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond, vol. 1, São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, *Boletim* 137 (1952), vol. 2, *Boletim* 164 (1953).

b) Literatura histórica

- DANIEL, João. 2004. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. 2 v. Rio de Janeiro: Contraponto.
- MULLER, Jean-Claude. 2012. Die Identifizierung eines Sprachschatzes in der Trierer Stadtbibliothek – das jesuitische Wörterbuch Alt-Tupi/Portugiesisch. in: *Kurtrierisches Jahrbuch* 52: 371-387.
- PAPAVERO, Nelson & Antonio Porro (orgs.). 2013. *Anselm Eckart, S. J., e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

c) Literatura lingüística

- BARROS, Cândida. 2003. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In: Freire/Rosa (orgs.). p. 85-112.
- _____. 2006. Alguns dicionários tupi setecentista da Amazônia. In: Cândida Barros e Antônio Lessa (organizadores.), *Diccionario da língua geral do Brasil*, Belém: Editora da UFPA, CD-ROM, 10 pp.
- CRUZ, Aline da. 2005. *O resgate da Língua Geral. Modos de representação das unidades lingüísticas da Língua Geral Brasílica e do Tupi Austral na obra de Martius (1794-1868)*. São Paulo: USP. Tese de mestrado. http://www.etnolingüistica.org/tese:cruz_2005.

- _____. 2011. *Fonologia e Gramática do Nheengatú. A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT. Tese de doutorado da Universidade Livre de Amsterdão.
- DIETRICH, Wolf. 2010. Tiempo, aspecto y evidencialidad en guaraní. In: *LIAMES* 10: 67-83.
- EDELWEISS, Frederico G. (1961). *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. 2003. *Da língua geral ao português. Para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras. Tese de doutorado. http://www.etnolinguistica.org/tese:bessa-freira_2003 (acesso 07/08/2014).
- FREIRE, José Ribamar Bessa & Maria Carlota Rosa (orgs.). 2003. *Línguas Gerais. Política lingüística e catequese na América do Sul no Período Colonial*, Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- JENSEN, Cheryl. 1998. Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond C. and Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 4. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, p. 487-616.
- LEE, M. Kittiya. 2005. *Conversing in Colony. The Brasilica and the Vulgar in Portuguese America*. Baltimore: John Hopkins University, Ph. D. dissertation. http://www.etnolinguistica.org/tese:lee_2005 (acesso 06/08/2014).
- LEITE, Fabiana Raquel. 2013. *A Língua Geral Paulista e o "Vocabulário elementar da Língua Geral Brasilica"*. Campinas. UNICAMP. Diss. de mestrado.
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. 2006. Observações sobre a fonologia da língua geral amazônica nos três últimos séculos. In: Cândida Barros e Antônio Lessa (organizadores.), *Diccionario da língua geral do Brasil*, Belém: Editora da UFPA, CD-ROM, 11 pp.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. 2008. A escravização dos índios num texto missionário em língua geral do século XVIII. In: *Revista USP* 78: 105-114.
- NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. 2011. *Introdução à história das Línguas Gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial*, Salvador: UFBA. Diss. de mestrado. http://www.etnolinguistica.org/tese:nobre_2011 (acesso 06/08/2014).
- PAPAVERO, Nelson & Cândida Barros. 2013. O "Vocabulário da língua Brasil" (Códice 3143 da Biblioteca Nacional de Portugal) e os *Zusätze* do Pe. Anselm Eckart, S. J. (1785): Obras do mesmo autor. In: Papavero/Porro (organizadores), Apêndice V, 335-351.

- PEREIRA, Bento. 1697. *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum et lusitanum, digesta*. Septima editio. Eborae: Typographia Academiae.
- RODRIGUES, Aryon. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4,2: 6-18.
- SCHMIDT-RIESE, Roland. 1999. Perspectivas diacrônicas brasileiras: o rastro das línguas gerais. In: *Romanistisches Jahrbuch* (Hamburgo) 49 [1998]: 307-335.